?396
?AZ
1.15/ex.2

FAZENDO GÊNERO

ANO VI Nº15 NOVEMBRO/2002 a FEVEREIRO/2003

ELAS "AS MULHERES", NÓS "AS FEMINISTAS"? REFLEXÕES SOBRE UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO FEMINISTA EM GOIÁS

Woman with Amphora, de Henri Matisse, 1953

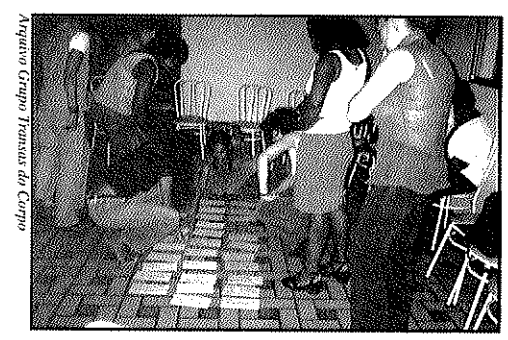
Muitas pioneiras, ainda no século XIX, queriam mudar o *status* social das mulheres, garantindo-lhes mais direitos. Algumas destas líderes eram mulheres burguesas que olhavam para a questão da mulher como se esta fosse um atributo apenas de sua classe. Todas as demais mulheres eram as outras. Mais tarde, tanto as sufragistas (décadas de 20 e 30 do século XX), como as líderes socialistas, estavam preocupadas com um maior contingente de mulheres, mas elas, as feministas, não eram as mulheres; as mulheres eram as outras. O feminismo dos anos 60 e 70 inaugurou a idéia de sororidade, partindo do pressuposto que todas as mulheres eram irmãs na mesma causa, a sua opressão. Eram sobretudo mulheres brancas, de classe média, heterossexuais e de muito alta escolaridade. Assim, a questão da mulher englobava preocupações com variados graus de sexismo que alimentava o ideal de irmandade. Um certo tempo depois surgiram vozes questionando aquela sororidade. Diziam que não se sentiam parte porque suas questões nunca apareciam na questão da mulher. Quem eram essas vozes? Eram as outras: mulheres negras, lésbicas e bissexuais, pobres, outras mais. O feminismo dos anos 80 e 90 que herdamos no século XXI traz esta marca de inquietação e desafio, o de integrar, num mesmo movimento, as muitas mulheres, sujeitos plurais do feminismo sem que seja necessário apagar ou negar as diferenças para construir a igualdade.

Como muita gente sabe, a história do Grupo Transas do Corpo começou quando o feminismo brasileiro estava enfrentando tais desafios. Nós vínhamos da experiência dos grupos de reflexão do começo dos anos 80 (os *self-help groups* norte-americanos que influenciaram o feminismo brasileiro) e realmente nos sentíamos parte de um movimento singular. Para nós, aquela forma de conhecer o mundo, os problemas do mundo, a partir das nossas vidas pessoais e privadas nos apaixonava, nos remetia a um político com sentido (o *slogan* "o pessoal é político" data desta época). Por isso, ao formar o Grupo Transas do Corpo assumimos o compromisso de continuar a tecer a trama, de continuar a fabricar os processos vivenciais com outras mulheres.

Desde o ano passado, desejosas de reeditar algumas práticas que caracterizam as metodologias feministas, lançamo-nos em três aventuras: trabalhar com um grupo de mulheres negras que está se constituindo como ONG feminista; com um grupo de mulheres integrantes de ONGs AIDS; e com um grupo de mulheres lideranças de movimentos populares, sindicatos, partidos políticos, donas de casa e intelectuais, tudo junto! Certamente que assumimos todos os riscos e possibilidades juntas e o resultado até o momento é encorajador.

Conversa de mulher: fortalecendo identidades feministas

O projeto *Conversa de Mulher: fortalecendo identidades feministas* busca a concretização de nosso desejo de contribuir para a formação de novas mulheres feministas a partir da história vivenciada por nós mesmas. Acreditando que a construção de argumentos numa ação política junto às mulheres se torna mais efetiva e coerente a partir de um processo de reflexão e fortalecimento pessoal, o *Conversa de Mulher* teve como proposta oferecer, além de subsídios teórico-práticos, um espaço para compartilhar com diferentes lideranças a prática de questionar, refletir e de olhar para dentro de si por uma ótica diferente dos códigos vigentes, numa perspectiva de gênero. A princípio, pareceu uma proposta sem grandes contradições; no entanto, foi possível constatar que, apesar do grande potencial de articulação e sensibilização para as causas feministas, algumas mulheres ainda apresentam uma forte resistência frente ao desafio de se deparar com aspectos de sua própria vida. Afinal, o que é ser feminista? Ao se depararem consigo mesmas, seus valores e atitudes, em paralelo com os subsídios oferecidos pelas discussões, as participantes puderam, então, compreender e identificar o ideário feminista em algumas de suas ações. O processo se deu de maneira a propiciar o entendimento de que a perspectiva feminista não deveria ser mais uma ação a ser cumprida, mas sim e, sobretudo, um elemento fundamental a ser incorporado na prática cotidiana de cada uma.

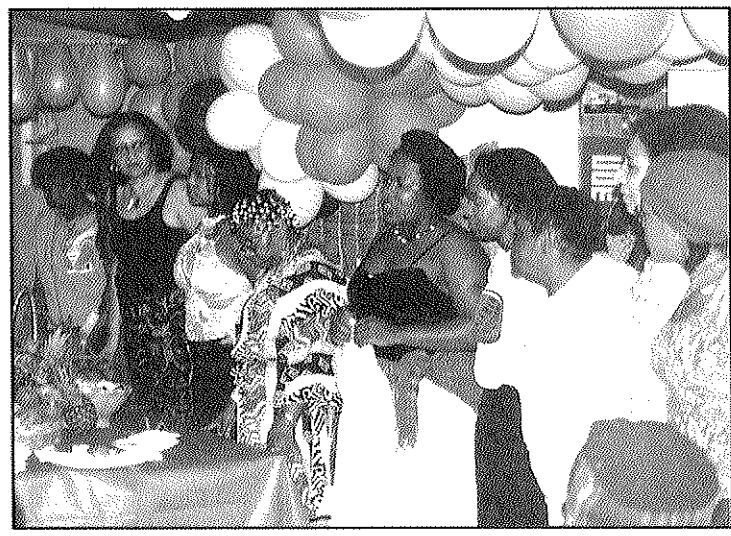


Arquivo Grupo Transas do Corpo

CONTINUA

Fortalecendo ações de cidadania da mulher negra: formação continuada ao Grupo de Mulheres Negras Malunga

Na verdade, temos tudo a aprender em termos das conexões entre gênero, raça e classe com as companheiras do Grupo Malunga. No jargão das instituições que apóiam projetos de assessoria a organizações que estão dando os primeiros passos para se constituírem como ONGs, nós transferimos *know-how* ou incubamos uma ONG. Quanta pretensão! Poderíamos dizer que a relação com o Grupo Malunga nos prepara para aquilo que está posto como desafio para o feminismo que acreditamos, o de construir processos sem querer transferir nossa experiência que certamente é única e singular. O mais bonito de todo o processo até agora tem sido a construção de uma identidade feminista e das tensões e conflitos internos e externos que tal identidade implica. Vamos aprendendo que não basta adicionar mulher e negra e feminista, mas desconstruir tudo o que de mais preconceituoso habita no imaginário dos/as que militam tanto no movimento negro quanto no movimento feminista.



Arquivo Grupo Transas do Corpo

Para quem se interessar por formação feminista, contate-nos através de formacao@transasdocorpo.com.br

Capacitando lideranças femininas para o enfrentamento das DST/AIDS

Em parceria com o Ministério da Saúde/UNESCO, promovemos entre os dias 28 de julho e 03 de agosto a primeira etapa do curso *Capacitando Lideranças Femininas para o Enfrentamento das DST/AIDS*. Participaram do curso 13 instituições de todo o Estado de Goiás, totalizando 19 lideranças multiplicadoras que já realizam trabalhos educativos na área das DST/AIDS.

O objetivo do projeto é o de formar lideranças multiplicadoras para atuar mais qualificadamente e com perspectiva feminista no movimento de luta contra a AIDS e nas instâncias de controle social, através do aumento de informações, construção de habilidades e mudanças de atitudes, reflexões pessoais e vivências em grupo, visando contribuir para a redução da incidência de HIV/AIDS e outras DSTs na população feminina.

Uma segunda etapa da capacitação foi realizada no último 19 de outubro, para acompanhar o desenvolvimento destas lideranças após o curso, fortalecer a articulação do grupo e contribuir na formulação de planos de ação destas entidades. As participantes avaliaram que o curso acrescentou novos conhecimentos dentro dos assuntos abordados: AIDS, controle social e SUS, ativismo político, direitos sexuais e reprodutivos, gênero, relação com a mídia, e formulação de plano de ação. O que foi marcante em vários comentários foi a metodologia contagiante e participativa, que despertou interesse e fez com que as 80 horas de trabalho transcorressem de forma harmoniosa e produtiva, fato que se repetiu nas 10 horas subsequentes de reencontro.

Arquivo Grupo Transas do Corpo

BALANÇO PATRIMONIAL / 2000

GRUPO TRANSAS DO CORPO - A.E.S. S.
CNPJ (MF): 24.809.246/0001-77
PERÍODO: EXERCÍCIO DE 2000

ATIVO	166.442,88
ATIVO CIRCULANTE	158.835,99
DISPONÍVEL	158.835,99
CAIXA/BANCOS	158.835,99
Caixa	2.142,51
Bancos	156.693,48
ATIVO PERMANENTE	7.606,89
IMOBILIZADO	7.257,89
Equip. de Informática	5.930,00
Projeto Ford	990,00
Projeto MacArthur	337,89
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	3.948,93
Projeto Ford	2.380,00
Projeto MacArthur	1.568,93
(-) DEPRECIAÇÃO E AMORTIZAÇÃO	-3.599,93
Depreciação Acumulada	3.599,93
PASSIVO	166.442,88
PASSIVO CIRCULANTE	7.379,92
Obrigações Sociais e Trabalhistas	3.999,84
Obrigações Tributárias	2.435,61
Obrigações Internas	944,47
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	159.062,96
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	159.062,96
Superávit do Exercício Acumulado	159.062,96

Reconhecemos a exatidão e idoneidade do presente Balancete Contábil elaborado em 31/12/2000, de acordo com os documentos idôneos fornecidos à Contabilidade e com as Normas Brasileiras de Contabilidade.

Goiânia-GO, 31 de dezembro de 2000.

SIRLAN GOMES DE OLIVEIRA
CRC/GO 12941

GRUPO TRANSAS DO CORPO - A.E.S. S.
CNPJ (MF): 24.809.246/0001-77

15 ANOS FAZENDO GÊNERO

Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Av. Antônio Fidélis, Qd. 158, Lt. 04, Pq. Amazônia
Goiânia-Goiás-Brasil. 74.840-090
Tel.: 55 (62) 248-2365 / Telefax: (62) 248-1484
fazendogenero@transasdocorpo.com.br

www.transasdocorpo.com.br

Coordenação executiva:
Eliane Gonçalves - *Doutoranda em ciências sociais, mestre em educação, especialista em saúde pública*
Joana Plaza Pinto - *Doutora em lingüística*
Kemle Semerene Costa - *Nutricionista e especialista em saúde pública e em gerontologia*
Lenise Santana Borges - *Psicóloga, mestre em mulher e desenvolvimento, especialista em saúde pública*
Rurany Ester Silva - *Assistente social, especialista em saúde pública*

Conselho diretor:
Ana Maria Costa
Joseleno Vieira dos Santos
Maria Cláudia H. da Silva e Souza
Kátia Karam Toralles (suplente)

Conselho consultivo:
Eleuse de Brito Guimarães
Lívia Martins Carneiro
Solange Rocha
Maria Luiza Moura (suplente)

Conselho fiscal:
Ana Maria de Oliveira
Eleny Xavier Marinho
Márcio André Martins dos Santos
Regina Rodrigues de Morais (suplente)

Equipe técnico-administrativa:
Ana Paula Maluf - biblioteconomista
Andréia de P. Silva - assistente técnica
Elcimar Dias - coordenadora do projeto Transas Adolescentes
Luciana Torres - assessora administrativo-financeiro
Lígia Azevedo - secretária

Apoio:
Fundação MacArthur
Fundação Ford
International Women's Health Coalition
Coordenação Nacional DST/AIDS/ Ministério da Saúde/UNESCO

Conselho editorial:
Érica Melo
Pedro Plaza Pinto
Wilza Vilela

Editoria: *Eliane Gonçalves e Joana Plaza Pinto*

Redação: *Eliane Gonçalves, Gelva M. M. Costa, Joana Plaza Pinto, Kemle Semerene Costa, Lenise Santana Borges, Luciana Torres, Wilza Vilela*

Revisão: *Joana Plaza Pinto*

Editoração: *Carla de Abreu* (223-0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

P396
FAZ
n.15 ex 2

INTERROGANTES SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL, MULHERES E SAÚDE

por Wilza Vilela*

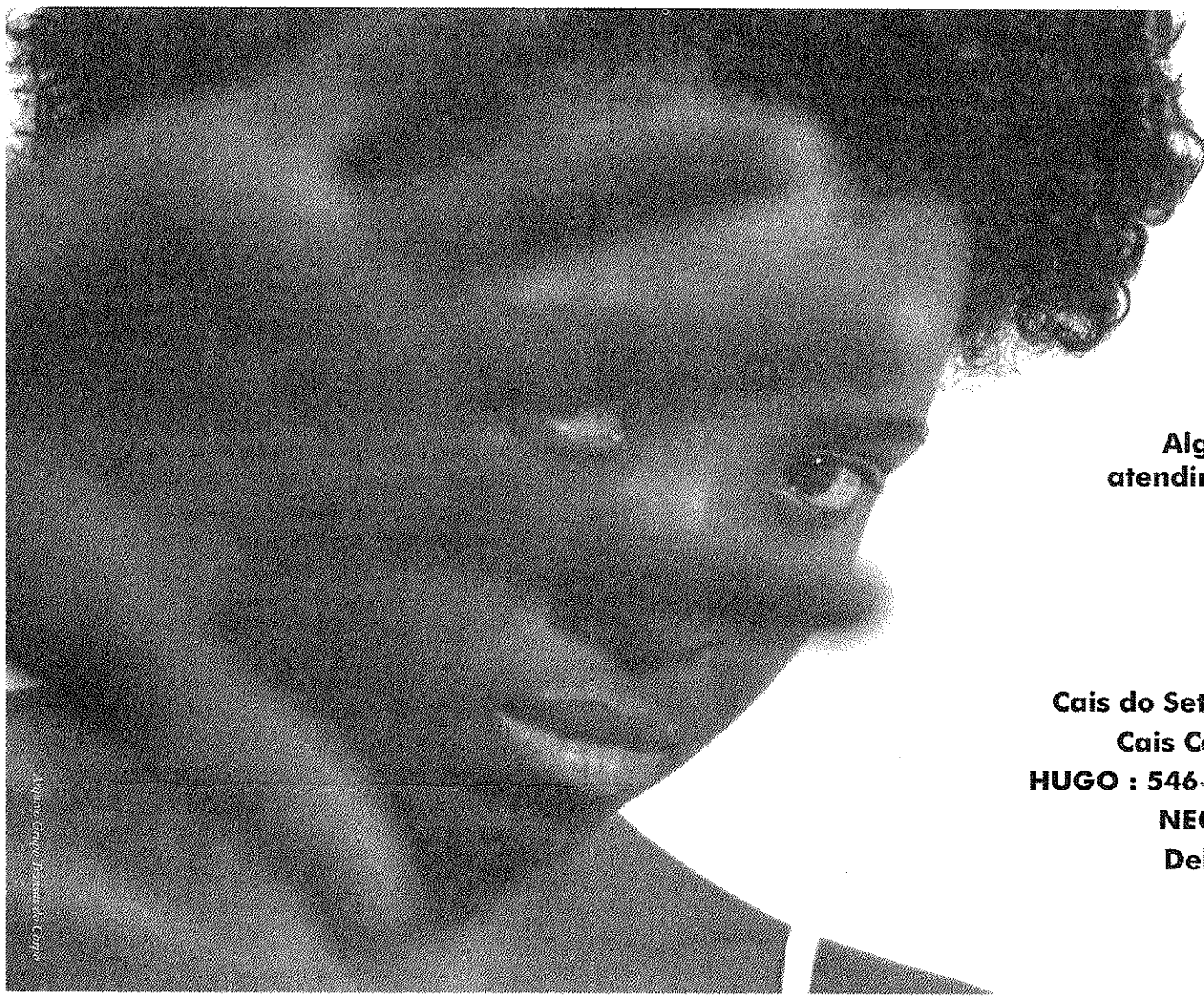


Foto: Grupo Transas do Corpo

Grupo Transas do Corpo
Nº do Registro: 1782
Data: 22/06/04
Origem: doação

Alguns locais de referência para atendimento às mulheres vítimas de violência sexual em Goiânia:

(DDD: 62)
Hospital Materno-infantil : 291-4900 ou 291-9265
Cais do Setor Pedro Ludovico : 524-1675
Cais Cândida de Moraes : 524-1941
HUGO : 546-4460, 546-4355 ou 546-4444
NECASA : 202-2565 ou 202-4775
Delegacia da Mulher : 212-4366
DICCA : 271-0501

A violência sexual contra as mulheres, na sua forma mais cruenta, o estupro, ocorre desde priscas eras.

No entanto, apenas nos últimos anos tem-se buscado desnaturalizar esta questão, tornando-a cada vez mais visível, discutindo seus determinantes e demarcando interfaces entre a violência sexual e o campo da saúde coletiva.

Transitando nesta interface, surgem nossos primeiros interrogantes:

A violência sexual deveria ser tomada como uma endemia, ou uma epidemia?

O aumento registrado de casos de violência sexual se deve a uma melhoria do sistema de notificação, a uma maior possibilidade de as vítimas denunciarem o crime, a um aumento da violência no geral ou ao aumento real do evento?

Porque e como o sexo, fonte de prazer, se transforma num símbolo de exercício violento de poder?

Porque corpos de mulheres ou de jovens, meninos ou meninas, são objetos privilegiado de um tipo específico de violência?

O que pensamos sobre os objetos da violência sexual: vítimas ou culpados?

O estupro é um modo distinto da violência, ou pode ser tomado como um ápice de um continuum *dos modos de violência que incidem sobre corpos individualizados?*

O que devemos e podemos fazer para reduzir a violência sexual, nosso posicionamento contra o uso do sexo como instrumento para a prática de atos violentos, depende, em grande parte, da maneira como respondemos a estes interrogantes.

Cabe-nos considerar que o aumento da violência sexual está relacionado ao aumento da violência como um todo, como também à centralidade que o sexo passa a assumir nas nossas vidas, inclusive como definidor de identidade.

Em que pese os esforços de profissionais e instituições do setor saúde no sentido de melhorar os registros da violência e as estratégias de atendimento às vítimas, temos que reconhecer a sua insuficiência. Em primeiro lugar, no aspecto quantitativo. Os cerca de 50 serviços capacitados hoje no Brasil para atender mulheres vítimas de violência sexual ainda são poucos frente à magnitude estimada do problema. Ao mesmo tempo, ainda não temos bons sistemas de diagnóstico e registro dos casos de violência que não entram em hospitais, desaguando em ambulatórios através de queixas somáticas ou psíquicas, por exemplo.

No entanto, mais preocupante é o fato de que as estratégias implementadas pelo setor saúde para o enfrentamento da violência sexual consideram apenas o atendimento e não a sua prevenção, no âmbito próprio das nossas ações enquanto profissionais.

Existem muitas modalidades de violência institucional perpetradas contra mulheres enquanto seres sexuados. A não abordagem da sexualidade das mulheres no decurso de atendimentos clínicos, a recusa em admitir que existem mulheres que fazem sexo com outras mulheres e devem ter isso considerado nas consultas, a não discussão de temas como múltiplas parcerias, infidelidade e outras são práticas comuns nos serviços de saúde, e que muitas vezes se assemelham a "estupros mentais".

Considerar as mulheres como sujeitos dos seus corpos e de seu sexo é uma das estratégias necessárias para rompermos com a inferiorização das mulheres operada pela cultura, que as fragiliza e as torna, com freqüência, objetos da violência que usa o sexo como arma.

* ***Wilza Vilela*** é feminista, médica, membro do Conselho Editorial do Fazendo Gênero. Vem trabalhando há muitos anos com a temática da AIDS, sempre com um enfoque de gênero.

O QUE ROLA

Sexta Cultural debate as relações entre raça e gênero

No dia 20 de novembro comemoramos o Dia Nacional da Consciência Negra, representativa data de luta pela afirmação da identidade negra no Brasil. Com a intenção de contribuir com o debate sobre raça, estabelecendo o enfoque de gênero para o problema, no próximo 29 de novembro, às 18h30, o Grupo Transas do Corpo promove, em sua sede, o debate "Gênero, raça e território: trajetórias de mulheres negras", com o Prof. Dr. Alecsandro Ratts, do Curso de Geografia/IESA/UFG.

Festas e Férias

O Grupo Transas do Corpo informa a toda a comunidade, participantes, usuários/as e prestadores/as de serviços, que a partir do dia 18 de dezembro de 2002 estará entrando em recesso referente a férias, voltando a funcionar normalmente em 02 de janeiro de 2003.

E aproveitamos o momento para desejar a todos/as, feliz natal e um novo ano cheio de paz e realizações.

Edital de Convocação

O Grupo Transas do Corpo convoca sua diretoria e associadas(os) para a Assembléia Geral Ordinária a ser realizada no dia 07 de dezembro de 2002, em sua sede, sito à Av. Antônio Fidélis, quadra 158, lote 04, Parque Amazônia, Goiânia-GO, às 9h30, em primeira convocação, com 50% das(os) sócias(os) efetivas(os), e às 10h, em segunda e última convocação, com qualquer número de presentes, a fim de deliberar sobre as seguintes questões:

- apreciação e aprovação de relatório das atividades e do balanço anual e demais relatórios financeiros do exercício anterior;
- apreciação e aprovação do plano anual de trabalho e orçamento para o próximo ano;
- apresentação e apreciação de proposta de alterações no Estatuto Social;
- deliberação sobre admissão de novas(os) sócias(os).

Goiânia, 15 de novembro de 2002
Ana Maria Costa, Joseleno Vieira dos Santos, Maria Claudia H. da Silva e Souza
Conselho Diretor do Grupo Transas do Corpo

O QUE ROLOU

Mortalidade Materna: o debate é público

No último 31 de outubro, no auditório Jaime Câmara da Câmara Municipal de Goiânia, durante toda a tarde, aconteceu a Audiência Pública "Mortalidade Materna: diagnóstico e propostas de ações", coordenada pelo Centro de Apoio Operacional de Defesa do Cidadão do Ministério Público do Estado de Goiás. A audiência é fruto de uma demanda da Regional Goiás da Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Reprodutivos para pautar a situação da saúde da mulher no estado, e foi considerada um grande sucesso de público e mídia, com presença de atores importantes na definição de políticas públicas, como diversos secretários/as municipais de saúde, além do secretário estadual.

A programação contou com uma rápida abertura, seguida das exposições de convidadas da Regional Goiás: a Profa. Dra. Ana Cristina Tanaka (USP), que discorreu sobre o conceito, as causas e o panorama nacional da mortalidade materna; e Kemle Semerene Costa, que enfocou os dados de Goiás, além de expor questões políticas importantes da luta contra a mortalidade materna que há muito o movimento feminista vem lembrando, como o direito ao aborto e a necessidade da integralidade da assistência à saúde da mulher.

Ao final da audiência, foram compiladas algumas importantes propostas de encaminhamento para a continuidade do trabalho dos/as promotores/as públicos/as e cobrança dos gestores da saúde, entre elas: acompanhamento do cumprimento das normas técnicas do Ministério da Saúde para o pré-natal; exigência de atendimento à saúde da mulher humanizado e integral; estabelecimento de conduta apropriada para o preenchimento do atestado de óbito; participação de representantes da promotoria pública nos Comitês de Redução da Mortalidade Materna.

Curso básico da Rede Contra a Violência

A Rede de Atenção à Mulher, Criança e Adolescente em Situação de Violência, de Goiânia-GO, realizou o II Curso básico sobre enfoque de rede no atendimento à mulher, criança e adolescente em situação de violência, no período de 16 de agosto a 18 de outubro, totalizando 40 horas, para um público de 80 participantes divididos em 2 turmas. O local de realização foi a Casa da Juventude Padre Burnie. O objetivo do curso foi capacitar profissionais para o atendimento em rede. Podemos constatar que o curso obteve êxito, visto que 90% dos/as inscritos/as participou até o final e o plano de ação solicitado como trabalho final foi entregue. O curso teve uma abordagem multidisciplinar, e contou com 6 módulos: I) Sociedade e violência; II) Infância e sociedade; III) Gênero e sexualidade; IV) Tipos de violência contra mulher, criança e adolescente; e VI) A rede de atenção à mulher, criança e adolescente: fluxograma e avaliação.

Durante os módulos, também foi realizada uma supervisão para elaboração do plano de ação e integração das instituições representadas pelas/os suas/eus participantes. A continuidade da política de formação da rede será através de supervisões locais para implantação de serviços; bem como para realização de um curso de aprofundamento. Além dessa firme proposta de continuidade dos trabalhos, ainda neste ano estará sendo lançada uma cartilha e um mapa do atendimento em Goiânia.

O Grupo Transas do Corpo participou da equipe de coordenação do Curso e das monitorias de vários temas, como gênero, sexualidade, violência física e sexual.

FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL: GANHOS E METAS

Desde a última alteração no Estatuto Social em 2000, o Grupo Transas do Corpo tem desenvolvido ações fundamentais rumo ao seu fortalecimento institucional. Vários fatores, internos e externos, estimularam a busca de mudanças, entre os quais: as exigências da cooperação internacional no sentido do desenvolvimento institucional das ONGs; ampliação de oportunidades no setor governamental e privado, demandando maior capacitação técnica e de gerenciamento; necessidade de otimizar nossas respostas dentro da equipe, com melhor distribuição das funções; desgaste e frustração para a equipe na realização das ações por falta de uma ação planejada e estruturada.

Tendo em vista este contexto, tornou-se inquestionável a necessidade de se buscar assessorias externas. Atualmente, conta-se com uma consultoria em Planejamento Estratégico, a partir da qual desenvolveu-se um plano 2002-2003. O objetivo foi estabelecer uma prática permanente de planejamento e avaliação, levando em consideração projetos já aprovados e atividades em andamento, estabelecendo novas estratégias para as ações propostas.

Os principais problemas detectados durante o processo de planejamento se concentravam no ambiente interno. Várias ações estratégicas foram definidas para que se pudesse superá-los. Neste sentido, o Grupo Transas do Corpo conta, desde junho, com uma consultoria em gestão institucional, que tem por objetivo levantar os fatores críticos para o exercício das atividades fim e de suporte, identificar os principais itens de controle e indicadores para uma gestão adequada, detalhamento de processos e procedimentos, visando melhorarias no ambiente operacional da instituição.

No bojo desta reestruturação, é igualmente importante lembrar a Avaliação Institucional, realizada por uma consultoria externa, com o objetivo de fazer um mapeamento das ações desenvolvidas e promovidas pelo grupo ao longo de seus 15 anos, com vistas a avaliar seu impacto junto à população alvo, identificando lacunas e potencialidades nos eixos de atuação existentes.

Todas estas consultorias constituem suporte necessário para uma maior clareza sobre o papel e ação do grupo até o momento, assim como suas possibilidades futuras. Neste sentido, torna-se fundamental uma maior proximidade com nossos conselhos, sócios/as, parceiros/as e colaboradores/as, a fim de colaborar com o grupo para vislumbrar uma visão de futuro para os próximos 5 anos, de forma a serem traçadas estratégias a longo prazo, em especial no que diz respeito à sustentabilidade do grupo.

Novembro

29 - Sexta Cultural "Gênero, raça e território: trajetórias de mulheres negras", com o Prof. Dr. Alecsandro Ratts (IESA/UFG), informações: 62-248-2365 ou joplaza@transasdocorpo.com.br.

Fique atenta/o à programação da Semana da Consciência Negra em Goiânia. Entre em contato com o Grupo Malunga pelo telefone (62) 286-4896.